



FOLHA INFORMATIVA N° 33-2011

II Jornadas Europeias do Património – Constância 2011 **O TEJO E A POESIA**

Constância...

A vila a que se chama “Poema”,
Numa janela aberta sobre o rio...

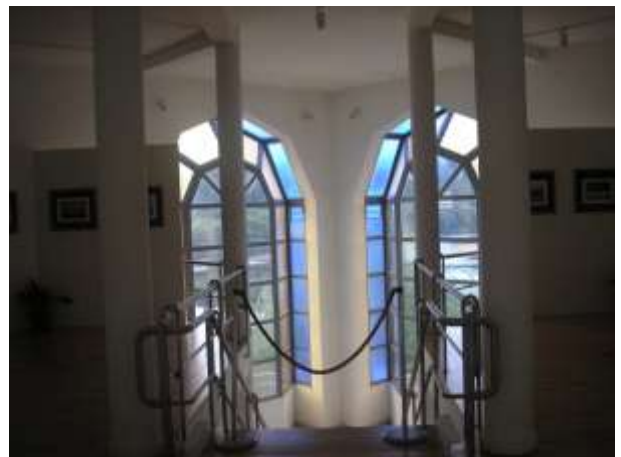




Numa curva da estreita estrada,

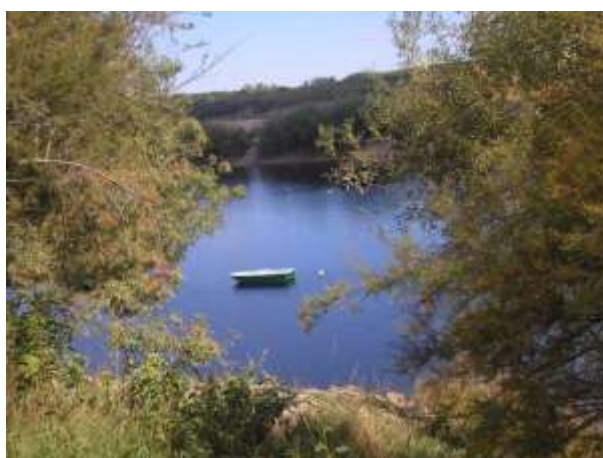


se descobre a casa que o povo local batizou de “ Casa dos Arcos”. Aqui, segundo se crê, viveu Camões, num tempo que foi de desterro, antes de partir para um degredo mais longínquo, sulcando oceanos imberbes no conhecimento que deles tínhamos. Por isso, uma reconstrução lembrando a quilha de um navio, abriga as ruínas originais e chama-se, agora, “Casa Memória de Camões”.



E foi aqui, neste lugar de encanto, na vila que também é princesa, olhando as águas brandas dos rios que decorreu o encontro do Tejo com a Poesia.

Integrado nas comemorações do Dia Mundial do Turismo e nas Jornadas Europeias do Património, Constância acolheu no mês de Setembro, as II Jornadas 2011 promovidas pela Associação “Amigos do Tejo”, em colaboração com a Câmara Municipal de Constância e a Associação “Casa Memória de Camões”, subordinadas ao tema “O Tejo e a Poesia”.



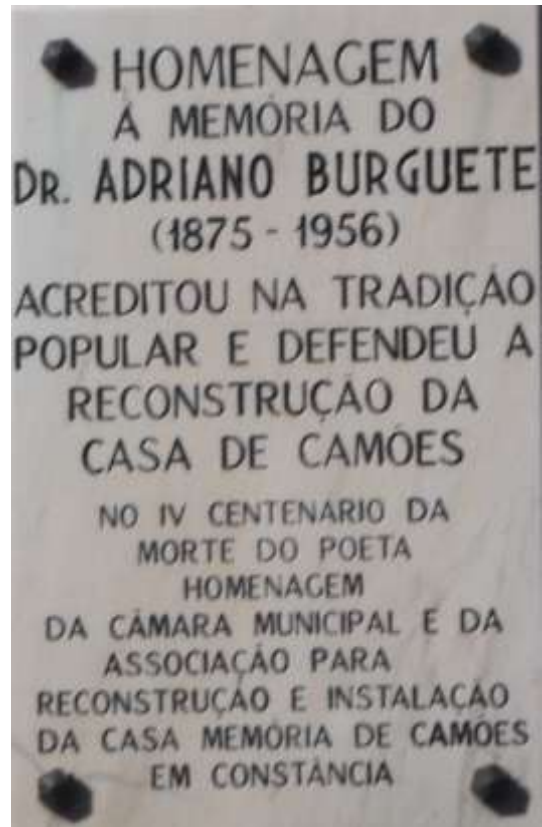
São memórias líquidas as que correm nestas águas. Tejo de pescadores, de “marítimos”, de labutas diárias nos campos e nos barcos. Tejo feito suor e lágrimas, esforço e cansaço. Mas Tejo também suave, doce e terno; melancólico no olhar, no deleite da alma de poetas.

Quando em manhãs pardacentas de nevoeiro surgia irreal ao olhar, ou em tardes soalheiras de estio se espreguiçava no leito, o Tejo galgava as margens que o confinam à Terra, soltava as amarras do real e renascia uma e outra vez, em melancólica poesia, em cenários idílicos de romance ou em confidências partilhadas em segredo, de tormentos e infortúnios, de mágoas de amor e sonhos quase desfeitos...

*Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
num vale de altas árvores sombrio,
estava o triste Almeno
suspiros espalhando
ao vento e doces lágrimas ao rio.*

*No derradeiro fio
o tinha a esperança
que, com doces enganos,
lhe sustentara a vida tantos anos
nua amorosa e branda confiança;
que, quem tanto queria,
parece que não erra, se confia.*

*A noite escura dava
repouso aos cansados
animais, esquecidos da verdura;
o vale triste estava
cuns ramos carregados
que a noite faziam mais escura.
Mostrava a espessura
um temeroso espanto;
as roucas rãs soavam
num charco de água negra, e ajudavam
do pássaro nocturno o triste canto;
o Tejo, com som grave,
corria mais medonho que suave.*



(Écloga II - Camões, "Almeno e Agrário, pastores")



Aqui, emergindo nas curvas sinuosas que, a montante e a jusante da confluência com o Zêzere, o Tejo apresenta, as belas Tágides revelavam-se inspiradoras no canto e no encanto sublime das palavras:



*E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.*

*Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.”*

Lusíadas, Invocação às Tágides Canto I, estrofes 4 e 5

Na sua comunicação, a Presidente da Associação Casa Memória de Camões, Dr^a Ana Maria Dias, apresentou um estudo sobre as referências ao Tejo na Lírica e na Epopeia Camoniana. Este rio, ao qual o povo de Constância se refere carinhosa e simplesmente como “Rio” – ao passo que o Zêzere é chamado pelo nome próprio – é referido cinquenta e duas vezes na lírica camoniana, vinte e três na epopeia e referidas dez vezes as Ninfas do Tejo, ou Tágides.

Ao Tejo, Camões atribui na sua lírica uma diversidade cromática: chama-lhe “claro, cristalino, aurífero, áureo, dourado” e qualidades como “suave, brando, manso, sereno, sossegado, doce e puro, formoso, ufano”; identifica o Tejo com o seu estado de espírito e o Tejo passa a ser “fundo, ausente, turvo, medonho, descontente; refere-o também como pátrio sendo “nosso” de Portugal, “vosso” das Tágides e “meu” de si próprio.



As águas do rio merecem igualmente destaque e Camões di-las “claras, brandas, amenas, frias, doces, ardentes e salgadas” – lágrimas e água que se confundem. O seu som é “suave, plácido e divino”.

As areias são de “ouro e ricas”; a praia “verde e prateada”.

Na epopeia, o Tejo passa a ser “deleitoso, ledo, claro, rico, longínquo, duvidoso, pátrio e vosso; as Tágides são “minhas” e “gentis”. Na lírica camoniana o Tejo é cenário de amores, testemunha e confidente; na epopeia é Pátria, Portugal e referência geográfica.

Ao longo da análise comparativa da lírica com a epopeia, apresentada pela Dr^a Ana Dias, Camões refere ainda o caudal do rio, o fluir do Tejo, a navegação e pesca e o seu desaguar.

Entre a comunicação emotiva e a declamação de excertos de Cantos dos Lusíadas, Éclogas e Elegias, a manhã decorreu “doce e branda”, nesta margem do rio tão “verde” e “áurea”.

Numa perfeita ligação do Tejo e da Poesia, a sedutora *Vila Poema*, Constância, encerraria as Jornadas Europeias do Património, com um percurso noturno por alguns dos locais mais emblemáticos desta íntima ligação.

O “Percurso Camoniano” realizado na noite de domingo, noite amena e estrelada, teve início junto à estátua do poeta, da autoria do Mestre Lagoa Henriques, adentrou o seu Jardim Horto, continuou à beira Tejo, até à casa que o acolheu no seu desterro e terminou no Outeiro sobranceiro ao rio onde o poeta, sentado e olhando-o, deixava correr a pena ao sabor das suas mágoas.

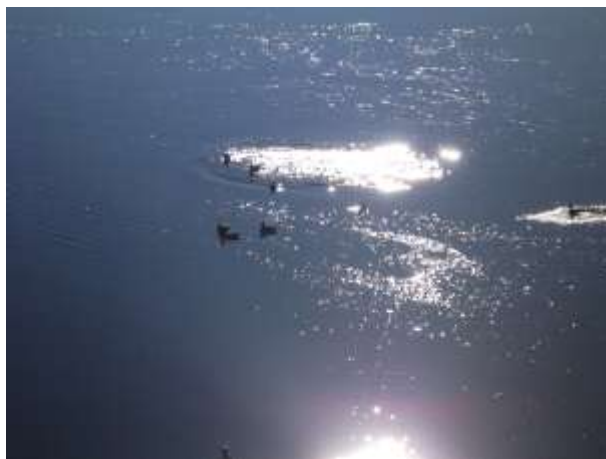
*Como toda a tristeza
no silêncio consiste,
parecia que o vale estava mudo;
e, com esta graveza,
estava tudo triste.
Porém o triste Almeno mais que tudo;
tomando por escudo
de sua doce pena,
para poder sofrê-la,
estar imaginando a causa dela;
que, em tanto mal, e cura bem pequena.
Maior é o tormento
que toma por alívio um pensamento.*

*Ao rio se queixava,
com lágrimas em fio,
com que cresciam as ondas outro tanto.
Seu doce canto dava
tristes águas ao rio,
e o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto,
que as águas refreava,
responde o vale umbroso.
Da mansa voz o acento temeroso
na outra parte do rio retumbava,
quando, da fantasia,
o silêncio rompendo, assi dizia:*

*«Corre suave e brando
com tuas claras águas,
saídas de meus olhos, doce Tejo,
fé de meus males dando,
para que minhas mágoas
sejam castigo igual de meu desejo;
que pois em mim não vejo
remédio, nem o espero,
e a morte se despreza
de me matar, deixando-me a crueza
daquela por quem meu tormento quero,
saiba o mundo meu dano,
por que se desengane em meu engano.*

(Écloga II - Camões, “Almeno e Agrário, pastores”)

Entre o “Tejo e a Poesia” e o “Percurso Camoniano” ficaram dois dias de beleza, de muitas e diversificadas atividades de descoberta do património histórico e cultural, matéria e imaterial da vila com pés assentes nos rios.



“Campos de Memória”, que percorreu as margens do rio e as quintas existentes, outrora grandes produtoras de cereais, azeite, fruta, produtos hortícolas e vinho; “Pedra sobre Pedra”, uma rota pelos miradouros da vila, jardins e painéis de azulejos, ruas em escadinhas e monumentos; “EcoConstância, um passeio fluvial no Tejo para observação do seu património natural; e “Percurso Camoniano”, uma viagem no tempo, ao som de música quinhentista, interpretada por elementos do Centro Internacional do Carrilhão e do Órgão (associação também nascida em Constância), foram as ofertas com que Constância nos brindou.

A beleza do rio, desta terra e desta gente, não cabe nem se esgota em todas as palavras toscas que pudéssemos escrever. Houvesse em nós “engenho e arte” e elas seriam rios que correriam para vós. Sim. Só assim sentiriam a frescura das suas águas e a ternura do seu abraço.

Terminando com as palavras de José Saramago, “Os rios, como os homens, só perto do fim vêm a saber para que nasceram”.

Versos soltos a Constância

*Constância, terra d’encanto,
Vila-poema e jardim
Teus rios em doce pranto
Choram saudades de mim*

*A margem d’um rio murmura
À outra margem d’além
com infinita ternura
Segredos que a alma tem*

*Lembranças que dum passado
Fugaz, memória presente;
De teus rios enamorado
Meu coração docemente.*

*Não mais o Zêzere deixou
Brando Tejo, teu regaço
Unindo as águas, tornou
Eterno, em vós, o abraço*



Ana Paula Pinto
Carlos Vitorino

Texto introdutório a esta Folha Informativa:

Assinalamos as II Jornadas Europeias do Património e o Dia Mundial do Turismo, em que participámos no mês de Setembro, em Constância, em actividades promovidas pela sua Câmara Municipal.

Por motivos da riqueza e da quantidade dessas actividades foi difícil encontrar o equilíbrio para relatar “ O Tejo e a Poesia” e as seguintes, sempre na perspectiva de obter o máximo de informação vivida.

A apresentação dessas actividades resultou num conjunto de 5 foto-textos que agora publicamos em forma de Folhas Informativas. Constituem partes do, digamos, documento inicial, ao qual se deu o nome genérico de "O Tejo e a Poesia".

O documento inicial – por nós designado como Parte I, e que agora publicamos - corresponde ao seminário de sábado dia 24, que decorreu na Casa Memória de Camões, promovido em colaboração com a associação "Amigos do Tejo".

Segue-se um conjunto de mais quatro Folhas, correspondentes às restantes “partes”, todas integradas nas II Jornadas Europeias do Património, celebradas em Constância:

Parte II: *Campos de Memória* - Percurso pedestre pelas quintas do concelho;

Parte III: *Pedra sobre Pedra* - Percurso pedestre e visita pela vila a locais de interesse histórico e cultural;

Parte IV: *EcoConstância* - Passeio fluvial com observação da fauna, da flora, e da sua relação com o património imaterial de Constância;

Parte V: *Percurso Camoniano* - Percurso nocturno ao Jardim Horto de Camões, Casa dos Arcos (Casa Memória) e alguns pontos da vila, com declamação de poesia e música quinhentista.